

JB  
13/8/99 19  
348

SEXTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 1999

CIDADE

cidade@jb.com.br

JORNAL DO BRASIL 19

# Falta de verbas ameaça índios doentes

## Mudança na política de repasse deixa núcleo assistencial da Ilha sem dinheiro

LUCIANA CABRAL

Quando o pajé da tribo não resolve a doença que os aflige, os índios sabem que só o homem branco pode dar jeito. Por isso, ao longo do tempo, a Fundação Nacional do Índio (Funai) criou unidades especiais para receber e tratar doenças graves. Uma delas é a Casa do Índio, na Ilha do Governador (Zona Suburbana). Mas este mês a verba da Funai não pôde ser usada na compra de remédios e alimentos para os 30 pacientes da casa. "Daqui a pouco passaremos necessidade", avisa a sertanista Eunice Cariry Sorominé, chefe do Serviço de Assistência ao Índio no Rio.

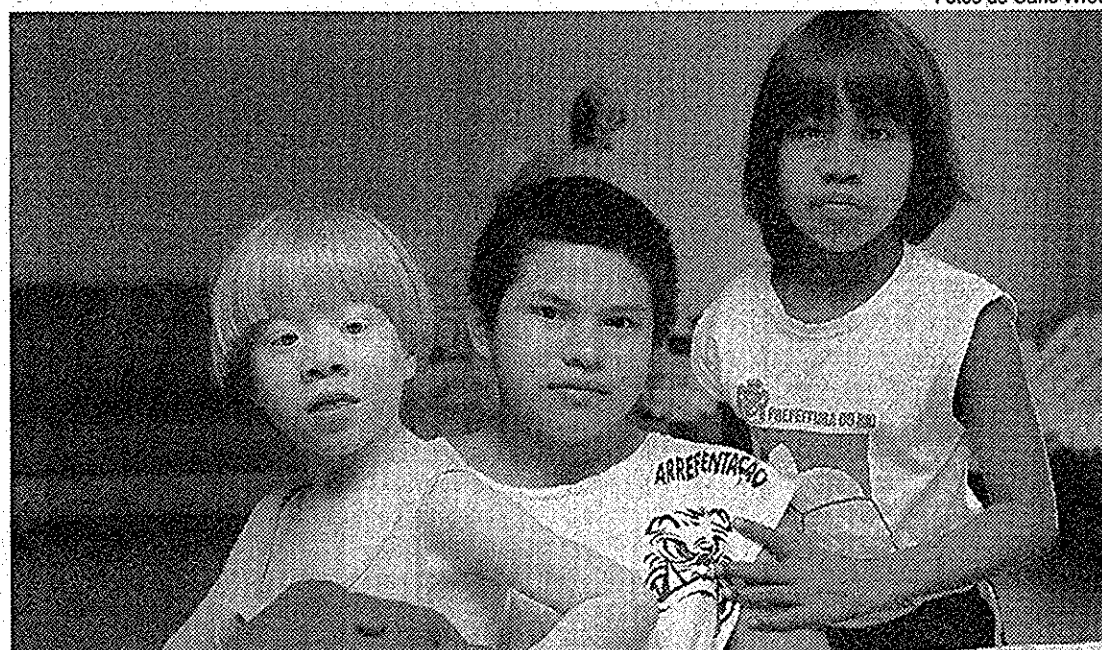
O alarme soou assim que começou a faltar leite para os indianinhos lá hospedados. A pausa no fornecimento de dinheiro se deve a uma mudança na política do governo federal. Agora toda a atividade de prevenção a doenças e de assistência médica às comunidades indígenas será realizada pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa), do Ministério da Saúde. Enquanto isso, os 13 funcionários da casa não sabem como continuar cuidando dos doentes.

**Tratamento** – Desde os quatro anos de idade, o kaxinawa João Fábio, de 16 anos, vem do Acre, acompanhado do pai, de dois em dois anos para revisão do transplante de medula feito no Hospital Universitário da UFRJ. Primeiro foi um sério problema nefrológico e depois o câncer na

medula. "Ele teve muita sorte e não conseguiria fazer o transplante a tempo se estivesse em Boa Vista", ressalta João Carlos Sorominé, chefe do setor médico. O kaxinawa é um rapaz forte e já começou a trabalhar na tribo. "Aprendi a gostar de viajar pra ficar vivo", conta.

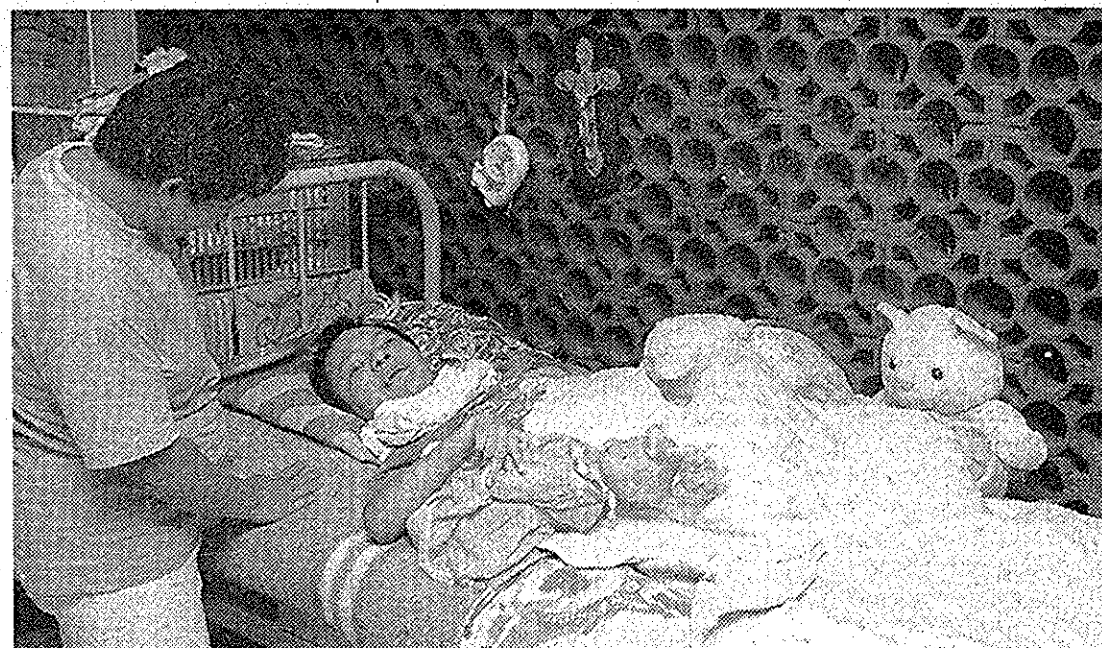
A Casa do Índio foi fundada em 1968 e já atendeu mais de três mil pessoas portadores de deficiência, alcoolatras, acometidos por derrames ou outras doenças graves. São muitos os portadores de distúrbios neuropsiquiátricos, como a tupiniquim Gilcemaria Ribeiro, 28 anos, e a pataxó Maria Lia, 55. Alguns estão lá há anos, caso da orfã Mirta Savala, 19, com paralisia cerebral e atrofia muscular, e há 12 anos deitada em um colchão d'água no salão do térreo, perto das brincadeiras das crianças e se esforçando para mexer a mão ao ouvir músicas de Zeca Pagodinho.

**Paralisia** – A caiowá Cristiane, 8 anos, também tem paralisia cerebral, mas recebeu tratamento a tempo e hoje estuda em uma escola municipal especial e faz visitas periódicas a sua tribo. O xodó da casa é o guarani albino Vanderlei, de 7 anos. Míope de 9 graus, o menino não sossega e perdeu os óculos dia desses. O albinismo provocou distúrbios neurológicos e fonoaudiológicos, e, sempre que pode, ele volta a tribo em São Paulo e conta sobre os passeios, jogos e programas de TV que fazem parte do cotidiano da casa.



Fotos de Carlo Wrede

O albino Vanderlei, João Fábio, de medula transplantada, e Cristiane, que estuda em escola especial



Mirta está há 12 anos num colchão d'água sofrendo com paralisia cerebral e atrofia muscular

## Funasa é a responsável

A Fundação Nacional de Saúde (Funasa) garante que, na próxima semana, a situação financeira da Casa do Índio será regularizada. Mas a medida provisória assinada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso mês passado dá prazo até setembro para que atividades de assistência à saúde indígena sejam transferidas da Funai para a Funasa. O orçamento administrativo ficará sob responsabilidade da Funai.

Como a gestão do orçamento para a saúde foi municipalizada, a Funasa aguarda ainda orientação sobre como será feita a prestação de assistência aos povos indígenas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). "Até lá poderemos ficar com despensa vazia, sem os remédios necessários e sem material de serviço", afirmou a sertanista Eunice Sorominé.

O projeto da Funasa prevê investimento de R\$ 56 milhões este ano e a preparação de agentes de saúde indígenas selecionados nas aldeias. O Brasil ficará dividido em 33 Distritos Sanitários Especiais Indígenas, que formarão uma rede de serviços articulada com o SUS. Esses objetivos ainda estão no papel e, por enquanto, os 326 mil índios de 215 etnias existentes no país continuam dependendo dos antigos serviços, que estão sem verba. "Se no Rio está assim, imagino os meus colegas do interior", ressaltou a sertanista.